

Colóquio

JUSTIÇA, CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

03 de dezembro de 2024

Livro de Resumos

Desenvolvido no âmbito do Projeto Interno
Cidades Rebeldes: Pensar o Comum,
Problematizando o Populismo
(apoiado pelo Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Índice:

- Programa completo do eventopág. 2
- Resumos e respetiva nota biográfica dos oradores
 - 1.ª Mesa-redonda – Liberdade, Diálogo e Resistência
 - Gisela Rebelo de Fariapág. 5
 - Irandina Afonsopág. 6
 - Vasco Manopág. 7
 - 2.ª Mesa-redonda – Populismo e Espaço Público
 - Bruno Ribeiro Brépág. 9
 - Francisco Luís Pereirapág. 10
 - Hugo dos Santospág. 11
 - 3.ª Mesa-redonda – A Cidade e o Comum
 - Beatriz Leal Herbertpág. 13
 - José Miguel Bolapág. 14
 - Maria Elisa Cautelapág. 15
 - Pedro Ferreirapág. 16

Programa do Colóquio
Justiça, Cidade e Espaço Público

03 de dezembro de 2024

Porto, FLUP, Sala de Reuniões 1

- 09h30 | Recepção dos participantes
- 10h00 - 10h15 | Sessão de abertura
- José Meirinhos – Diretor do Instituto de Filosofia
- Paula Cristina Pereira – Investigadora Principal RG PPS
- Vasco Mano – Investigador Principal do Projeto Interno *Cidades Rebeldes: Pensar o Comum, Problematizando o Populismo*
- 10h15 - 11h30 | 1.ª Mesa-redonda – Liberdade, Diálogo e Resistência
- Gisela Rebelo de Faria (IF-UP), *Des/polarização. Resistir ou intervir?*
- Irandina Afonso (IF-UP), *Entre monólogos de poder a diálogos de liberdade, as (r)evoluções identitárias.*
- Vasco Mano (IF-UP), *A cidade hegeliana e a teleologia urbana do comum.*
- Moderação: Pedro Ferreira
- 11h30 - 11h45 | *Coffee break*
- 11h45 - 13h00 | 2.ª Mesa-redonda – Populismo e Espaço Público
- Bruno Ribeiro Bré (IF-UP), *Populismo, uma reflexão em torno de um exercício tensional.*
- Francisco Luís Pereira (IF-UP), *Uma aproximação narrativa ao populismo.*
- Hugo dos Santos (IF-UP), *Sobre o populismo como rejeição do diálogo – Por que resiste ao confronto com os factos?*
- Moderação: Irandina Afonso

13h00 - 15h00 | Almoço

15h00 - 16h30 | 3.ª Mesa-redonda – A Cidade e o Comum

Beatriz Leal Herbert (IF-UP), *Os comuns ou o comum? Revisão de literatura de Elinor Ostrom até à «Revolução no século XXI»*.

José Miguel Bola (IF-UP), *Cidade em conflito: representação e luta pelo 'comum' no espaço urbano contemporâneo*.

Maria Elisa Cautela (IF-UP), *As raízes do saber: impacto do contexto socioeconómico no ensino superior em Portugal*.

Pedro Ferreira (IF-UP), *Uma conceção de bem comum para a contemporaneidade*.

Moderação: Gisela Rebelo de Faria

16h30 - 16h45 | Apresentação do Workshop: “Vamos pensar o populismo?”

Maria João Couto (IF-UP) e Bruno Ribeiro Bré (IF-UP)

16h45 - 17h00 | Sessão de encerramento

Comissão organizadora

Comissão organizadora

Beatriz Leal Herbert — Bruno Ribeiro Bré — Francisco Pereira — Hugo dos Santos — José Miguel Bola — Maria Elisa Cautela — Maria João Couto — Paula Cristina Pereira — Vasco Mano

Organização

RG Philosophy & Public Space | Institute of Philosophy of the University of Porto – UIDB/00502/2020 | Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)

1.ª Mesa-Redonda

Liberdade, Diálogo e Resistência

Des/polarização. Resistir ou intervir?

Gisela Rebelo de Faria

(IF-UP)

Resumo

Propõe-se uma reflexão sobre o *habitar* coletivamente o lugar urbano, a partir da politicidade da arte, procurando modos de transformar o espaço de uso público em espaço público efetivo. O corpo humano, individual e coletivo, configura-se simultaneamente como um dispositivo de territorialização e como um argumento para convocar possíveis articulações e reconfigurações de *espaço público*. Como poderá a performatividade da experiência estética (pela arte!) contribuir para transformar o espaço de uso público em espaço público efetivo?

Pela experiência estética procura-se configurar diferentes camadas discursivas e dialógicas com o intuito de espoletar uma *ação*. Trata-se de questionar determinados fenômenos e acontecimentos, através de um posicionamento crítico, a fim de pensar e propor, coletivamente, outros possíveis caminhos: um modelo de complexidade, questionamento, discursividade e diálogo. Ademais, propõe-se pensar sobre o melhor modo de viver comum por meio do agir comum, em um contexto de pluralidade. A conceção de *comum* considerada propõe transpor as noções convencionais de *espaço público* e *esfera pública*, apresentando uma discussão comprometida com a espacialidade e as especificidades do urbano e da urbanidade para refletir sobre o território de completude que transcende os limites geopolíticos. Nesse processo, a **dimensão ética** de *comum* é basilar, pois envolve a criação de uma consciência partilhada que não apenas desafia as fronteiras físicas e políticas, mas também promove dinâmicas fundamentadas na justiça, na equidade e na responsabilidade coletiva.

Nota Biográfica

Gisela Rebelo de Faria desenvolve a sua prática profissional pela articulação entre a investigação científica, a criação artística e as práticas de arquitetura/urbanismo. Dedicar-se às áreas da Filosofia da Cidade, a partir de conceções Éticas, Políticas e Estéticas e das suas extensões performativas e artísticas. Experimenta, em contexto urbano e através de cruzamentos disciplinares, uma interferência que procura transformar o espaço de uso público em espaço público efetivo. A exploração de práticas transdisciplinares em contexto urbano manifesta-se pela relação da dimensão discursiva da filosofia e a prática da evolução morfológica do território urbano contemporâneo, através de uma ação artística performativa, resultante de processos de curadoria e desenvolvimento editorial.

É investigadora doutoranda no RG Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia da FLUP com orientação da Professora Doutora Paula Cristina Pereira. É co-fundadora da cooperativa cultural Limina, sediada no Porto, exercendo as funções de direção artística e curadoria. É Mestre em Arquitetura pela Escola Superior Artística do Porto com a dissertação/projeto "Preencher o vazio urbano - Casa do Artista" e Mestre em Arte e Design para Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com a dissertação/projeto "Lugaridade-tempo: a *performatividade* da experiência estética em contexto urbano".

Entre monólogos de poder a diálogos de liberdade, as (r)evoluções identitárias.

Irândina Afonso

(IF-UP)

Resumo

A racionalidade do neoliberalismo e do capitalismo global predomina nas sociedades contemporâneas e, no “deve e haver” das suas forças e fragilidades, propõe-nos equacionamentos diversos acerca, por exemplo, de nexos de poder-saber (Foucault), da liberdade com o outro (Honneth) e da participação democrática no pensar e fazer a cidade e a política. Nos processos de subjetivação política e nos modos de, ora aprisionar a diferença, ora a mercantilizar, tal racionalidade é contraposta pela criação de espaços e de atores políticos que expandem as potencialidades do espaço público através da partilha do poder, e através de lutas para *poder ser* de outro modo que não o dominante.

Propomo-nos, sob essa perspetiva, analisar condições – como a articulação entre injustiças e, ainda, os experienciados corpóreos [embodiement] de desigualdades - que situam as políticas de identidade na charneira de um esforço coletivo imprescindível ao enfrentamento de injustiças estruturais (Benhabib; Young), à renovação do espaço público e à resistência a quadros conceptuais potencialmente opressivos e/ou politicamente simplistas (Spivak; Laclau & Mouffe).

Nota Biográfica

Irândina Afonso é doutoranda do Programa Doutoral em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É bolsista de investigação em doutoramento financiada pela FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. UI/BD/150998/2021; DOI 10.54499/UI/BD/150998/2021), com um projeto sobre Políticas de Identidade Contemporâneas no RG Philosophy & Public Space do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (UI&D/502). É Assistente Convidada no Departamento de Filosofia da FLUP. Os seus interesses de investigação incluem, além das políticas de identidade, a filosofia da cidade e espaço público, os estudos de género não-binário, a subjetividade contemporânea, e o pensamento social e político. É membro da PaPSIN - Philosophy and Public Space International Network, e membro da Red Internacional de Investigación Filosofía y Ciudad.

A cidade hegeliana e a teleologia urbana do comum.

Vasco Mano

(IF-UP)

Resumo

Neste trabalho, refletiremos filosoficamente sobre a cidade e questões imanentes que emergem como essenciais no contexto das sociedades urbanas contemporâneas. Em particular, debruçamo-nos sobre a questão do direito à cidade, entendido como um direito universal e coletivo a produzir, proteger e governar o «comum urbano» e como esse direito pode ser configurado, no contexto da cidade e da sua espacialidade, em articulação, frequentemente contraditória, entre individualidade e diversidade. Neste ponto, colocaremos em perspetiva as posições de Sian Lazar e David Harvey, cujas reflexões pertinentes permitem iluminar trajetos possíveis para a recuperação da vida em sociedade, da própria democracia e para a realização do indivíduo na esfera pública, sua construção, seu lugar e seu fim último. Por fim, ensaiaremos uma espécie de síntese hegeliana das posições em debate que nos levará à postulação da *cidade hegeliana*: a cidade como movimento e permanente «atualização», uma diversidade que não se configura como mera realidade contraditória ou aporética, mas como afirmação do seu ser e expressão da própria vida, como inscrição do humano no indelével tecido da existência.

Nota Biográfica

Vasco Mano é doutor em Matemática Aplicada e investigador com publicações na área de Combinatória, tendo estudado, em particular, condições de admissibilidade para grafos fortemente regulares através de análise algébrica e matricial. Desde 2020, tem-se dedicado à área da Filosofia tendo iniciado, em 2023, o Programa Doutoral na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, onde se tem dedicado à Filosofia da Cidade, nomeadamente no que diz respeito ao espaço público e às problemáticas do comum urbano e do direito à cidade.

2.ª Mesa-Redonda

Populismo e Espaço Público

Populismo, uma reflexão em torno de um exercício tensional.

Bruno Ribeiro Bré

(IF-UP)

Resumo

O fenómeno político do populismo assume configurações poliédricas no seio das sociedades democráticas contemporâneas. As suas poliédricas modulações encontram-se associadas a contextos histórico-políticos específicos e a movimentos sociais e económicos de expressão própria que, em última instância, convergem para a manutenção de um sentimento de desconfiança nas instituições democráticas e nos decisores políticos. À luz do pensamento de Cas Mudde e Cristóbal Kaltwasser (2017), o populismo tende a estar associado a outros elementos ideológicos que apelam a um público mais vasto, o que contribui para a diluição do corpo hegemónico que a todo o custo o populismo tenta criar aquando da sua afirmação e ascensão político-social. No âmbito da nossa reflexão, propomo-nos a ponderar os efeitos positivos e negativos que podem estar associados ao fenómeno político do populismo, de modo a podermos compreender como é que este se pode configurar como “um perigo intrínseco para a democracia” (Mudde e Kaltwasser, 2017).

Nota Biográfica

Bruno Ribeiro Bré é doutorando em Filosofia (Departamento de Filosofia, FLUP), com Bolsa FCT (ref. 2023.04769.BD), com um projeto sobre o fenómeno político do populismo. Integra, desde 2023, o Research Group Philosophy & Public Space, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, sob a orientação de Paula Cristina Pereira. Foi membro integrante do painel de avaliação de ciclos de estudo em funcionamento pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES). Em 2022, participou numa mesa-redonda desenvolvida no âmbito do projeto DITE – Diverse Internationalisation of Teacher Education (projeto da Reitoria da UP), que teve lugar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP. Concluiu a Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2017-2020) e o Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário (2020-2022), também na mesma Faculdade.

Uma aproximação narrativa ao populismo.

Francisco Luís Pereira

(IF-UP)

Resumo

A presente comunicação procura avançar com uma abordagem epistemológica da narrativa com o objetivo de distinguir formas de populismo, distinção que é fundamental para a avaliação ética dos discursos populistas.

Partiremos da noção instrumental de que o populismo, essencialmente, consiste num conjunto de técnicas retóricas para a mobilização do eleitorado e veiculação de agendas. O populismo interessa-nos na sua dimensão narrativa, ou seja, na capacidade que o discurso tem para orientar as construções das realidades partilhadas.

Estar na posse de uma noção epistemológica de narrativa será fundamental para o argumento principal da comunicação. Esse argumento consistirá na ideia de que não somos capazes de distinguir um populismo negativo de um positivo, a não ser que sejamos capazes de esclarecer a relação que as narrativas têm com a realidade e a verdade.

O populismo negativo, nesse caso, poderia se entendido como o desenvolvimento de narrativas que procuram simplesmente o sucesso de agentes políticos, através da manipulação do que os eleitores entendem como real e verdadeiro, independentemente da relação destas representações com a verdade e a realidade. Por outro lado, um populismo positivo seria aquele cujas narrativas, embora igualmente estratégicas, estariam mais comprometidas com a representação da realidade e da verdade.

Portanto, a epistemologia da narrativa possibilita a distinção entre formas de populismo que contribuem para o desenvolvimento da compreensão política e aquelas que distorcem ou manipulam a realidade em prol do sucesso dos agentes políticos.

Nota Biográfica

Francisco Pereira é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde atualmente frequenta o Mestrado em Filosofia. É bolseiro de investigação no Instituto de Filosofia da FLUP.

O seu trabalho centra-se no estudo das interseções entre narrativa e questões ético-políticas contemporâneas.

Sobre o populismo como rejeição do diálogo – Porque resiste ao confronto com os factos?

Hugo dos Santos

(IF-UP)

Resumo

Partindo das reflexões de Stuart Mill sobre a liberdade de expressão, esta comunicação propõe a conceção de que o populismo pode ser caracterizado como 'rejeição do diálogo'. Primeiramente, procurar-se-á perceber a conexão entre a retórica populista e uma versão degenerada da teoria da verdade como coerência. Com este intuito, analisam-se as fragilidades da referida teoria da verdade, localizando-a na estrutura argumentativa populista e associando-a à era da 'pós-verdade', *fake news* e sensacionalismo mediático na fundamentação de crenças sem correspondência com a realidade. O passo seguinte é estabelecer de forma precisa como o populismo implica a rejeição do diálogo – entendido como relação estabelecida num contexto de liberdade e regido por princípios éticos e discursivos – o que reforça a dificuldade em combatê-lo. Assim, é possível não só entender a resistência do populismo, mas também traçar percursos para combater esta tendência.

Nota Biográfica

Licenciado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Frequenta agora o mestrado em Filosofia, Política e Economia (FLUP/FEP) e é bolseiro de investigação do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (IF-UP).

Interessa-se por temas relacionados com Comunicação, Política e Economia e encontra-se a desenvolver uma investigação que procura perceber a resistência do Populismo aos factos.

3.ª Mesa-Redonda

A Cidade e o Comum

Os comuns ou o comum? Revisão de literatura de Elinor Ostrom até à «Revolução no séc. XXI».

Beatriz Leal Herbert

(IF-UP)

Resumo

Comum, para Negri e Hardt, e ainda para os autores de «Comum - Ensaio sobre a Revolução no Século XXI», Dardot e Laval, é intencionalmente distinta da noção tradicional de *comuns*. Para eles, a conceptualização do *comum* passa pela construção de um princípio político que visa essencialmente apresentar-se como resistência ao *neoliberalismo*. Harvey vê nestas lutas políticas, de carácter eminentemente urbano e movidas pelas qualidades e perspectivas da vida urbana, uma manifestação clara de construção de alternativas anticapitalistas.

Nota Biográfica

Mestranda em Filosofia, Política e Economia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP); e bolsista de investigação do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, para desenvolvimento de atividades de I&D no âmbito do Contrato-Programa de Financiamento Plurianual de Unidades de I&D 2020-2023, celebrado entre a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT), a FLUP e o Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (IF). Licenciada em Direito pela Faculdade de Direito - Escola do Porto da Universidade Católica Portuguesa (UCP).

Cidade em conflito: representação e luta pelo ‘comum’ no espaço urbano contemporâneo

José Miguel Bola

(IF-UP)

Resumo

A cidade (contemporânea), um palco de múltiplos confrontos e tensões que dividem a sociedade em grupos hierárquicos, não é apenas um local físico, mas um campo de representação social e política onde os direitos e acessos ao ‘comum’ — entendidos como espaços e recursos partilhados — são contestados e reconfigurados (Dahrendorf, 1967; Lefebvre, 1967). Segundo a lente da Teoria do Conflito Social Moderno, argumenta-se que o espaço urbano reflete a tensão entre forças de poder desigual e representa um palco de disputas simbólicas e materiais. O conflito de interesses - desde elites económicas até movimentos de resistência urbana - condiciona profundamente a definição e a apropriação dos espaços urbanos, onde fenómenos como a gentrificação e a privatização transformam o ‘comum’ num recurso limitado e exclusivo. Inspirando-se nas ideias de Dahrendorf em como o conflito pode ser interpretado como motor de mudança social (1957, 1967, 1988), a presente comunicação sugere que o ‘comum’, ao ser disputado, pode também ser ampliado, tornando-se um elemento central na renovação democrática e no fortalecimento de práticas inclusivas.

Nota Biográfica

José Miguel Bola é licenciado em Sociologia pela Universidade da Beira Interior e tem uma pós-graduação em Educação e Formação pela Universidade de Aveiro. Atualmente, é mestrando em Sociologia na Universidade do Porto e bolseiro de investigação no Instituto de Filosofia da mesma universidade. Os seus interesses de investigação incluem o estudo da saúde mental a partir de um olhar sociológico e da teoria do conflito como indutor de mudança social.

As raízes do saber: impacto do contexto socioeconómico no ensino superior em Portugal.

Maria Elisa Cautela

(IF-UP)

Resumo

Este estudo pretende perceber algumas das barreiras na transição para o ensino superior em Portugal, considerando o contexto socioeconómico dos estudantes. Primeiramente, faz-se uma breve contextualização histórica do ensino português e dos benefícios do ensino superior em Portugal. De seguida analisam-se os desafios que o sistema enfrenta quanto à equidade de oportunidades, mesmo após a massificação do ensino. Em particular, destacam-se os obstáculos que os estudantes de contextos desfavorecidos enfrentam, entre os quais se encontram as barreiras financeiras, culturais e psicológicas que dificultam especialmente o acesso a cursos e instituições mais prestigiadas. Esses estudantes têm uma maior probabilidade de frequentar politécnicos e cursos menos competitivos, enquanto os de classes mais favorecidas tendem a optar por universidades e cursos de maior prestígio – como medicina e direito. Este fenómeno pode refletir o fenómeno de auto-estratificação, onde as aspirações dos estudantes se ajustam às suas condições económicas. Também se discute o impacto da inflação de notas nas escolas secundárias, que pode favorecer estudantes de contextos socioeconómicos mais favoráveis, reforçando a desigualdade de acesso ao ensino superior. Adicionalmente, as barreiras psicológicas, como a síndrome de impostor e o impacto de estereótipos negativos, revelam que os desafios vão além da questão financeira, afetando a adaptação e performance académica dos alunos.

Nota Biográfica

Licenciada em Economia pela Nova School of Business and Economics (NovaSBE). É bolsista de investigação do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (IF-UP), e encontra-se a frequentar o Mestrado em Filosofia, Política e Economia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FLUP/FEP).

Uma conceção de bem comum para a contemporaneidade

Pedro Ferreira

(IF-UP)

Resumo

Marcada pela transformação das relações internacionais e pelos recentes desenvolvimentos do capitalismo de livre mercado, a atual conjuntura sociopolítica desafia conceções tradicionais da noção de bem comum [*the common good*], ao mesmo tempo que oferece novas oportunidades para a sua discussão. Nesse sentido, Hardt e Negri (2000, 2004, 2009) defendem que, hoje, assistimos à emergência de uma nova forma de soberania, o Império [*the Empire*], da qual não deixa de se seguir, também, «the creation of new circuits of cooperation and collaboration that stretch across nations and continents and allow an unlimited number of encounters (Hardt & Negri, 2004, p. xiii). Nesta comunicação, pretendemos, em primeiro lugar, caracterizar o contexto contemporâneo a partir desta noção de Império, tal que, de seguida, se possa conceptualizar o comum [*the common*] enquanto princípio de produção colaborativa e de superação das contradições originadas pela dicotomia público-privado.

Nota Biográfica

Pedro Ferreira é doutorando no Programa Doutoral em Filosofia da Universidade do Porto desde 2022, e investigador bolseiro (Ref.^ª 2022/55) no *Philosophy and Public Space* RG do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Anteriormente, licenciou-se em Filosofia pela Universidade do Porto e obteve o grau de mestre em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário pela mesma universidade. Os seus principais interesses de investigação incluem as áreas de Filosofia Social e Política, Filosofia do Cinema e Filosofia da Educação, no âmbito das quais tem participado e organizado diferentes eventos científicos, como o colóquio *Cinema & Cidade: A re/produção da cidade pós-industrial*.



Comissão organizadora

Beatriz Leal Herbert — Bruno Ribeiro Bré — Francisco Pereira — Hugo dos Santos — José Miguel Bola — Maria Elisa Cautela — Maria João Couto — Paula Cristina Pereira — Vasco Mano

Organização

RG Philosophy & Public Space | Institute of Philosophy of the University of Porto
– UIDB/00502/2020 | Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)